

A CONTRIBUIÇÃO DOS CURSILHOS DE CRISTANDADE NA RENOVAÇÃO DA PARÓQUIA

Não tenho mais mérito que ter sido testemunha do vivido por mim mesmo desde a primeira hora até ao presente, quer dizer, em toda uma andada de mais de sessenta anos do Movimento de Cursilhos de Cristandade.

O cursilho de cristandade, pela graça de Deus, as orações de muitos e a firme vontade de uns poucos, vai conseguindo que o homem e a mulher tomem consciência de ser pessoas e por isso de ter a faculdade receptiva para poder captar a boa notícia de que Deus em Cristo nos ama.

É que, quando a pessoa humana se encontra com o espírito de Deus, crê n'Ele e trata de corresponder ao Seu convite, muda de óptica, de focus, de horizonte e de perspectiva, e encontra sentido de vida.

Quando acaba um cursilho, Cristo pode contar com uns cristãos que saboreiam lucidamente e com alegria, a graça de serem baptizados e de serem cristãos. São cristãos novos ou melhor dito, renovados, porque compreenderam a graça de serem cristãos em espírito e em verdade.

Não é de admirar que os cursistas nos sintamos especialmente interpelados pelo Decreto Conciliar sobre o apostolado dos leigos, quando lemos: “ Os leigos exercem o seu múltiplo apostolado tanto na Igreja como no mundo... Os leigos de verdadeiro espírito apostólico suprem o que falta aos seus irmãos e devolvem à Igreja aqueles que quiçá estavam afastados”.

Por sua vez compreendemos com quanta razão esse Pontifício Conselho dos Leigos advertia, sintonizado com o concebido Decreto Conciliar “ A estrutura paroquial mostra-se por sua vez demasiado estreita e demasiado vasta para satisfazer as necessidades da pastoral e da formação do conjunto dos fiéis”.

Há quanto tempo que estamos de acordo com o Sínodo dos Bispos quando urge às paróquias que sejam verdadeiramente missionárias, já que nem o pároco pode acompanhar pessoalmente todos os seus fiéis, nem os fiéis desenvolvem a sua vida no mero âmbito paroquial.

Fortalecem-nos e animam-nos as palavras do Sumo Pontífice João Paulo II pronunciadas na 4ª Ultreya Nacional de Cursilhos de Itália:

“ O vosso Movimento pede-vos que sejam fermento na “massa” do mundo”.

Igualmente nos alenta o lema que Sua Santidade elegeu para a II Ultreya Mundial em Roma:

”Evangelizar os ambientes: um desafio para os cursilhos de cristandade”.

Porque essa “massa” e “ambientes” já eram a meta e finalidade dos Cursilhos de Cristandade desde os seus alvares.

Porque essa “massa” e “ambientes,” esse mundo, especialmente o dos afastados, é o lugar onde os Cursilhos centram e levam a cabo a sua acção apostólica.

Segundo o exposto, a contribuição dos cursilhos para a renovação da Paróquia, concebo-a, começando por sublinhar que o nosso Movimento, desde os seus inícios, tem uma clara visão do papel do laicado na acção missionária da Igreja, objectivo apostólico de todo o baptizado, e no qual hão-de convergir a pessoa, o Evangelho e o mundo em que nos tocou viver.

Uma concepção orientada sobretudo na perspectiva da aproximação aos afastados, os quais geralmente são os que melhor captam a identidade entre a sua ânsia de felicidade e a vida de Cristo, enquanto que a vêm realizada noutros cursilhistas nos quais encontram, de seguida, uns verdadeiros amigos.

É que, quando os que estão afastados captam a Boa Nova, a ausência de prévios espartilhos histórico-religiosos, faz aflorar neles uma criatividade evangélica assombrosa.

Assim, geram um ambiente em que esta criatividade evangélica não se vê coarctada, mas fomentada.

Essa e não outra, é a motivação para que o encontro com os que andam afastados não fracasse. Trata-se de um ambiente chave que há-de estar baseado na amizade na sua dupla vertente, de intimidade em grupo e de universalidade na Ulteira.

Nos cursilhos, o que sempre temos querido e em que estamos gozosamente empenhados por fidelidade às nossas ideias e carisma fundacionais, está no entroncamento e na alienação com a mais genuína pastoralidade eclesial, proclamando ser o Movimento que não tem outra espiritualidade que não seja a da Igreja ela mesma.

Tudo isto na coerência de que os cursilhos não são o fruto de uma busca empírica, mas de uma intuição que progressivamente se foi transformando num instrumento maravilhoso cujas bases profundas estão radicadas no Evangelho, certificadas pelo Concílio e alentadas pelos últimos Pontífices.

Penso que os cursilhos se situam mais além do apostolado individual que o Vaticano II ratificou como essencial na vida do leigo que tem fé; mas mais cá que o apostolado co-associado que parece a muitos a alternativa vocacional mais recomendável. Creio que os cursilhos não são nem devem ser uma organização nem uma comunidade com fins específicos, ainda que tenham algo de uma e outra.

Estimo que os cursilhos são massiva e naturalmente um movimento laical, mas sem serem exclusivamente laicais, como se torna evidente para quem o tenha vivido na perspectiva de criativa complementaridade dialéctica entre leigos e sacerdotes.

Quanto ao recrutamento de cursistas, em especial os que recentemente viveram o cursilho, da parte dos párocos, em ordem a incorporá-los nas diversas tarefas ou campos de apostolado paroquial específicos, como catequese, acção social, apoio aos doentes ou outros ministérios, considero que tais requerimentos *per si*, não vão constituir um avanço no ser cristão do cursista em questão, principalmente porque a encarnação de novas vertentes eclesiais lhe retirará tempo para a sua acção cristã básica dentro do seu viver quotidiano que será, dar testemunho no lugar em que o Senhor o colocou.

Para além disso, o cursilhista, como todo o homem, tem a imperiosa necessidade de ser compreendido, isto é, de ser e de se sentir amado.

É uma pena que não se dê conta de que o emprego automático dos convertidos nessa pastoral assim pretendida, tenha vindo a privar a genuína pastoral da parte mais humana, mais espontânea e mais no âmago da sociedade e portanto da que tem mais base para ir conseguindo ser cabalmente cristã.

A maior novidade do Cursilho é a que lança o leigo no apostolado, no seu caminho específico e com o seu normal e peculiar estilo, o seu, o que Deus lhe deu, impulsionando-o à gozosa aventura de simplificar e facilitar o caminho para se encontrar consigo mesmo e para que a partir de si mesmo, vá descobrindo que o encontro com Cristo e com os irmãos pode ir-se dilatando e convertendo em amizade, à medida que se vai fazendo realidade na Reunião de Grupo e na Ultreia.

É mais que justo reconhecer que à sombra da paróquia e de muitas associações conseguiram crescer, desenvolver-se e amadurecer muitos homens, mulheres, jovens e crianças, para a glória da Santa Igreja. E, de entre eles existem pessoas que são argumentos vivos a favor da fecundidade eficiente da paróquia.

Quero assinalar que o tipo de comunidade de que hoje o mundo necessita, e portanto a Igreja, tem que ser enucleado e aglutinado pela gratuidade, pelo mais interessado desinteresse; o tomar a sério cada uma das pessoas pelo que são, pelo facto de serem pessoas, não pelo que têm, nem pelo que sabem, nem pelo que podem, nem sequer pelo que possam colaborar na Igreja, já que tudo isso impede que possa transparecer com a máxima diafanidade a ternura de Deus, uma vez que o sentido da realidade coincide com o sentido do Evangelho, que é o amor. É incompreensível perceber a pretensão daqueles que quiseram deixar ao leigo todo o papel que o Movimento dos Cursilhos lhe deu. É como querer cortar um dos laços mais vivos que o Evangelho vivido por sacerdotes e leigos conseguiu na Igreja, perseverando e crescendo em Cristo mediante a amizade vivida de modo pessoal na Reunião de Grupo e comunitariamente na Ultreia, com aqueles com quem o Movimento de Cursilhos de Cristandade conta especificamente para poder amadurecer e crescer.

A Reunião de Grupo, que é a amizade levada ao terreno sobrenatural que cria uma circunstância que vai possibilitando a vida da vivência autêntica, contínua e progressiva do fundamental cristão, onde se dá o encontro com os irmãos para que o melhor de cada um chegue aos mais possível.

O meu voto pela esperança.

Acabo, fazendo minhas estas palavras do Papa Ratzinger, em Informação sobre a fé:

*“ O que através e pela Igreja universal sobressai com tons de esperança, é a afloração de novos Movimentos que ninguém planeia nem convoca e surgem da intrínseca vitalidade da Igreja. Encontro maravilhoso, que o Espírito seja uma vez mais, mais poderoso que os nossos projectos...
A renovação é calada, mas avança com eficácia”.*

Eduardo Bonnin Aguiló

Roma, 23 de Setembro de 2006

(admin, 25/09/2006)